

# Presença na ausência: cartas na imigração e cartas de chamada

Present in absentia: Immigrant letters and requests for family reunification

Maria Izilda Santos Matos<sup>1</sup>

mismatos@pucsp.br

Oswaldo Mario Serra Truzzi<sup>2</sup>

truzzi@ufscar.br

---

**Resumo:** Cartas de imigrantes constituem uma fonte privilegiada para se apreender não apenas as circunstâncias e desafios envolvendo a experiência migratória, mas, sobretudo, a mentalidade dos agentes históricos nela envolvidos. O presente artigo procura em primeiro lugar ressaltar a relevância do tema; em seguida, discorre sobre a expansão dos estudos sobre os escritos dos e/imigrantes, para concluir ilustrando os anseios e hesitações envolvendo a reunificação familiar, bem como o controle e a autoridade exercidos a distância por meio de um tipo particular de correspondência – as cartas de chamada – escrita por imigrantes portugueses em São Paulo no início do século XX.

**Palavras-chave:** cartas de chamada, imigração portuguesa, cultura escrita popular, relações de gênero, relações familiares.

**Abstract:** Immigrant letters are a major source to learn not only about the circumstances and challenges involved in the migratory experience, but especially the mentality of historical actors involved in it. This article seeks first to emphasize the importance of the topic; it then discusses the expansion of studies on the migrants' letters, to finish by illustrating the aspirations and hesitations involving family reunification, as well as the control and authority exerted at a distance through a particular type of letters – the so-called requests for family reunification – written by Portuguese immigrants in São Paulo in the early 20<sup>th</sup> century.

**Keywords:** immigrants' letters, Portuguese immigration, gender and family relations.

---

## Introdução

Cartas não só retratam processos de deslocamentos e afastamentos, mas também são produtos de ambos. Estas correspondências, muitas vezes, tornaram-se documentos usados no processo de imigração para comprovar vínculos e viabilizar as saídas e/ou entradas nos países de origem e de destino. Em nosso caso, trabalhamos com um corpo documental inédito definido pelas

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Carlos.

ditas cartas de chamada entre migrantes portugueses e seus familiares, localizadas em arquivos distritais das cidades do Porto e Braga, em Portugal, e no Museu do Imigrante de São Paulo (depositadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo).

No caso dos arquivos distritais, as missivas encontram-se nos processos para retirada de passaportes, sendo sua apresentação uma obrigatoriedade, pois, de acordo com a legislação portuguesa, as mulheres casadas e os filhos menores não podiam emigrar sem a autorização dos maridos e pais. Restringiam-se as saídas para o estrangeiro, já que a permanência dos laços conjugais e a manutenção da família em Portugal funcionavam como um suporte, ampliando as possibilidades do retorno e facilitando os fluxos das remessas, que se tornaram essenciais para a família e a economia do país. A partir do decreto n. 7427 de 30/03/1921, o governo português induziu a uma mudança na prática corrente de escrever cartas familiares por novas formalidades. As cartas foram substituídas por um tipo de impresso consular padrão e objetivo, não mais trazendo as referências e informações anteriores, tão apetitosas como fonte histórica.

Já no caso da pequena parcela das cartas de chamada localizadas nos acervos da Hospedaria dos Imigrantes, estas constituíram o documento comprobatório que o imigrante deveria apresentar no porto de Santos, junto à Inspetoria de Imigração, e que era então anexado às listas de desembarque, arquivadas na Hospedaria. A partir de 1911, este documento tornou-se obrigatório para maiores de 60 anos e não aptos para o trabalho, na tentativa de o governo brasileiro procurar assim garantir a existência de um amparo familiar para este contingente mais vulnerável.

No primeiro caso, estas missivas em geral eram endereçadas pelo marido (que partiu antes) à sua esposa ou a outro familiar.<sup>3</sup> Embora o acesso às correspondências seja parcial, no sentido de abranger apenas um sentido (do marido para a esposa, e não vice-versa), é possível muitas vezes inferir, mesmo unilateralmente, a natureza do diálogo travado entre ambos.

As missivas não apenas documentavam os mundos de origem e de destino; por meio delas, buscava-se arguir silêncios, superar distâncias, perpetuar afetos, reforçar laços e combater a saudade, reconfigurando relações tornadas vulneráveis pela longa distância e tempo de separação.

O presente artigo se ocupa em primeiro lugar da relevância do tema, em seguida da expansão dos estudos sobre os escritos dos e/imigrantes, para concluir ilustrando os anseios e hesitações envolvendo a reunificação familiar, bem como o controle e a autoridade exercidos a distância por algumas cartas de chamada aqui analisadas.

## *Cartas e migrações: um universo a ser explorado*

Os escritos privados, que contemplam os denominados “escritos ordinários”, abarcam uma variedade de textos, inclusive a escritura dos populares (Chartier, 1991). A esta a historiografia tem dado pouca atenção, provavelmente, por visões preconcebidas de que os populares (devido à baixa alfabetização) não dispunham de condições para produzir registros expressivos (Molinari, 1999). Inicialmente, estas fontes apareceram nas investigações científicas como alternativas e/ou complementares (Castillo Gómez, 2001); contudo, o seu uso se difundiu com a abertura possibilitada pela emergência das “outras histórias” (Matos, 2014), que ampliou os interesses sobre variadas experiências do passado. Estas recentes perspectivas geraram a necessidade de novos corpos documentais com a valorização dos “escritos ordinários”, que permitiram descobertas frutíferas sobre as histórias dos populares, incluindo sua cultura escrita.

Os populares produziram seus próprios registros, entretanto, eles se encontram pouco preservados em arquivos públicos, sendo conservados através dos tempos e guardados secretamente nos sótãos e baús, num sentido mais afetivo e visando preservar a memória familiar ou de um grupo. Estas fontes explicitam experiências múltiplas, excepcionais, aventuras pessoais, referências à vida cotidiana, privada e questões de ordem subjetiva e das sensibilidades.

Desde meados da Época Moderna, em alguns países da Europa, os populares exercitaram a escritura frente às necessidades de enfrentar as exigências burocráticas do Estado Moderno, o que coincidiu com certa difusão dos processos de alfabetização e escolarização. Apesar de reconhecerem-se as relações entre a aceleração dos processos de alfabetização/escolarização e o aumento dos textos populares, indubitavelmente, o maior fator para tal expansão foi a necessidade de comunicação gerada pelas guerras (especialmente a partir da I Grande Guerra) e pelos deslocamentos (Blass, 2004).

As mobilidades exigiram dos e/imigrantes o exercício de leitura/escritura, um amplo espectro textual passou a fazer parte deste universo, e circulavam um conjunto de manuais e guias, opúsculos, folhetos, periódicos, revistas, indicações de viagem e das condições nos países de destino, orientações sobre os trâmites burocráticos (passaporte e autorizações), entre vários outros escritos.

Da mesma forma, atribui-se um papel de destaque aos deslocamentos como elementos de estímulo à difusão e à consolidação da leitura/escritura entre massas de e/imigrantes pouco letrados, que foram desafiados a

<sup>3</sup> O mesmo observou Seyferth (2005, p. 23) em relação a cartas de poloneses.

produzirem documentos invocadores neste processo. Os distanciamentos familiares foram o mote central que levou os populares a enfrentar a pena, movidos pelo desejo de preservar as ligações domésticas e familiares numa necessidade de manter e/ou construir cadeias de tinta e elos de papel, que se tornaram uma prática, necessidade e obrigação moral.

Se, no início dos oitocentos, o percurso das cartas entre Portugal e Brasil era de aproximadamente 60 dias, este prazo reduziu-se sensivelmente com a expansão das ferrovias, do sistema de navegação a vapor e da mala postal. Na segunda metade do século XIX, as missivas podiam chegar ao seu destino em até 20 dias (Rodrigues, 2013, p. 83). Através das missivas, buscava-se superar afastamentos, controlar à distância, combater silêncios, perpetuar afetos, reforçar laços de família, parentesco e amizade, fazer-se presente na ausência, assumir responsabilidades e driblar a saudade.

As cartas não só retrataram o processo de e/imi-gração e afastamentos, como também foram produtos deste. O gesto epistolar era considerado privilegiado, livre, secreto, íntimo, um verdadeiro relato de experiências individuais. Entretanto, quando escritas a rogo, as cartas eram frequentemente lidas e relidas em público e também se tornaram experiências coletivas, sob a forma de textos a princípio privados e domésticos que acabaram sendo compartilhados. “Mesmo sendo particulares e íntimas, as cartas assumiam uma importância pública como veículo de avisos, que reforçavam a ligação com a comunidade de origem, possibilitando, assim, a transferência de outros grupos de imigrantes” (Vendrame, 2010, p. 70). As epístolas constituíam o meio através do qual se podiam arguir silêncios, superar distâncias, perpetuar afetos e reforçar laços de família, parentesco e amizade.

Ao circularem, as missivas permitem observar os deslocamentos pelo caleidoscópico ponto de vista de seus protagonistas, possibilitando compreender as transformações sociais, culturais e identitárias. Além dos vínculos e sociabilidades constituídas no processo (Chartier, 1991), também as práticas da escrita, mesmo derivadas de uma cultura popular, e por vezes marginal, ganharam expressão numa forma literária própria – literatura epistolar, dotada de estilos, retórica e convenções específicas.

Enquanto um verdadeiro “tesouro documental” da escritura e memória popular (pelo seu volume e frequência), as correspondências dos e/imigrantes adquiriram interesse para os estudiosos, possibilitando ao pesquisador penetrar numa área invisível, que permite observar novos projetos, sucessos, problemas financeiros, táticas de sobrevivência, ascensão social, dificuldades do cotidiano no

campo e na cidade, relações afetivas, subjetividades e sensibilidades (sofrimento e angústias, alegrias e frustrações). Todas estas peças essenciais de experiências individuais trazem luzes para as histórias da e/imigração ao esclarecer aspectos difíceis ou quase impossíveis de se perceber em outros *corpus* documentais (Caffarena, 2012, p. 19).

*El estudio de las escrituras migrantes nos permite comprender la variedad de los usos y las funciones de lo escrito en este momento histórico, dependiendo de los lugares en los que se escribe y de los motivos por los que se hace; y en función de todo ello, de las diferencias materiales que presentan los distintos documentos. Volver la mirada hacia los protagonistas de este fenómeno y emplear como fuentes las producidas por ellos mismos lleva al historiador a contemplar la emigración desde una perspectiva nueva y fundamental. A comprender, en suma, que estos documentos no sólo nos hablan de la experiencia de los hombres y mujeres corrientes, sino que son el producto y la consecuencia directa de ella (Blass, 2004, p. 97).*

### Expansão e estudos sobre os escritos dos e/imigrantes

Desde os finais do século XIX, podem-se rastrear estudos que se centraram no epistolário e/imigrante: em 1892, por exemplo, o Comissário de emigração da Itália Luigi Bodio se utilizou de missivas (700 cartas) provenientes do Brasil para avaliar as condições dos italianos que se deslocavam para cá (Bodio, 1894).<sup>4</sup> Da mesma forma, em 1913, o médico e literato Filippo Lussana destacou aspectos da epistolografia da e/imigração analisando este material (Lussana, 1913).

Considerado um clássico sobre as correspondências de e/imigrantes, William Isaac Thomas e Florian Znaniecki (1918-1920) recompilaram cinco volumes de cartas em uma obra que traz em sua introdução uma abordagem metodológica do uso de tais fontes, ainda hoje constantemente referenciada (Thomas e Znaniecki, 1958).

Paralelamente, embora com preocupações distintas, uma geração de historiadores norte-americanos formados nas décadas de 1920 e 1930, todos eles filhos de imigrantes, começaram a questionar o tipo de narrativa vigente na história norte-americana, pretendendo incorporar as histórias de pessoas comuns e famílias ordinárias das quais eles próprios descendiam. Tais autores descobriram nas cartas trocadas uma possibilidade de capturar a experiência da imigração por meio das próprias palavras

<sup>4</sup> Jornais da época publicavam cartas como propaganda para a emigração ou como denúncia das condições dos emigrantes no país.

dos envolvidos, o que emprestava um colorido especial ao trabalho usualmente desenvolvido a partir de outras fontes. Deste modo, coleções de cartas de imigrantes foram publicadas por historiadores nos Estados Unidos<sup>5</sup>, Europa, Canadá e Austrália ao longo do século XX, interessados em estudar processos de integração social e política, mudanças na estrutura familiar, envolvimento em revoluções, guerras e, de modo geral, alterações na cultura popular (Elliott *et al.*, 2006).

Contemporaneamente, destacam-se os estudos desenvolvidos na Universidade de Alcalá (Espanha), no SIECE (Seminário Interdisciplinar de Estudos sobre a Cultura Escrita), merecendo menção os trabalhos de Veronica Blass e Laura Martinez e Martin, que priorizam as cartas de e/imigrantes espanhóis para a América Latina. Também merece menção o Centro de Estudos da Emigração Galega, da Universidade de Santiago de Compostela, onde se desenvolveram as pesquisas de Xosé M. Nuñez Seixas e de Raúl Soutelo Vázquez (Nuñez Seixas e Soutelo Vázquez, 2005; Soutelo Vázquez, 2001, 2003).

Na Itália, no Archivio Ligure della Scrittura Popolare, da Universidade de Gênova, destacam-se as pesquisas capitaneadas por Antonio Gibelli e Fabio Caffarena e, para os e-imigrantes italianos no Brasil, os estudos de Federico Croci (Gibelli, 1989, 2002; Gibelli e Caffarena, 2001; Croci, 2008). Focando a imigração que teve por destino o sul do país, Vendrame (2010) analisou algumas cartas enviadas por imigrantes italianos que se estabeleceram nas regiões coloniais de Caxias do Sul e de Santa Maria a seus familiares na Itália, enquanto Seyferth (2005) comentou as cartas de poloneses compiladas por Kula (1977) e Wachowicz (1981), bem como as cartas de alemães compiladas por Vendrame (2010). Vendrame (2010, p. 70) chama a atenção para a importância das cartas para a atração de novos imigrantes, aparentados ou não, já que estas constituíram o meio por excelência de “relacionamento entre os que ficaram e os que partiram [possibilitando] entender as escolhas, os hábitos, as crenças e as relações de parentesco das famílias dos imigrantes que se fixaram em núcleos coloniais”. O mesmo ponto é enfatizado por Seyferth (2005, p. 47), ao mencionar que cartas e narrativas “chamam a atenção para a manutenção de laços familiares com os que ficaram na sociedade de origem e o empenho em trazer os parentes mais próximos para o Brasil”.

O próprio Emilio Franzina havia já publicado em 1979 uma coleção de cartas de camponeses vênnetos que emigraram à América Latina, enquanto Franco Ramella e Samuel Bailly analisaram as correspondências trocadas

entre membros da família Sola entre o Piemonte e Buenos Aires (Franzina, 1979; Bailly e Ramella, 1988).

Já em Portugal, merecem menção as investigações de Henrique Rodrigues, concentrando-se nas cartas dos emigrados de Viana do Castelo (Rodrigues, 2013). A tentativa de ilustrar a vida de e/imigrantes de origem francófona suscitou a organização da coleção *Envoyer et recevoir. Lettres et correspondances dans les diasporas francophones*, publicada em 2006 (Frenette *et al.*, 2006).

Frente a tal diversidade, e a despeito da sua potencialidade, o reconhecimento historiográfico no Brasil das cartas de migrantes é ainda restrito, especialmente se for comparado com as pesquisas realizadas na Itália, Grã-Bretanha, França, Espanha e em países receptores, como EUA e Argentina.

### *Sentidos dos diálogos: reunificação familiar, autoridade e controle, ditos e não ditos*

Apesar de sua ancestralidade, a escrita epistolar se alargou, com a ampliação das comunicações e intensificação das mobilidades, como já se mencionou. Facilitados pelo desenvolvimento dos transportes em trens e navios, os deslocamentos se tornaram “fenômenos” de massa, e esta experiência histórica migratória ampliou as distâncias entre pessoas, gerando a necessidade de comunicação e esforços de aproximação. A escrita de cartas foi difundida, como já dito, incorporando os populares, num desafio para uma massa pouco letrada que, com grande esforço, procurava manter os vínculos, disseminando-se novas experiências da prática epistolar, “democratizando-se” a escritura.

As partidas ampliavam a sensação de separação, e, antes mesmo que a visão do porto de saída se dissipasse no horizonte, a escritura se iniciava na busca de manter vínculos; quem ficava esperava ansiosamente pelas cartas e queixava-se da falta de respostas, evidenciando o desejo do diálogo.

*El momento de la separación, el alejamiento físico de casa, la sensación de lejanía cuando se ha llegado ya al país de acogida, desencadena el impulso decisivo para coger pluma y papel y enfrentarse a la escritura. A menudo los intercambios epistolares con los parientes empiezan ya a bordo de los barcos que se dirigen hacia el Nuevo Mundo, o en el momento de la partida, física y mental, de quien abandona el contexto familiar y social (Caffarena, 2012, p. 21).*

<sup>5</sup> Nos Estados Unidos, acumulou-se uma tradição muito expressiva de estudos que buscam focalizar a experiência migratória por meio das cartas pessoais. O próprio Immigration History Research Center, localizado em Minnesota, mantém inúmeras coleções de cartas de imigrantes que têm servido de base empírica ao desenvolvimento do tema.

No seu conjunto, as missivas registravam diferentes experiências, revelando relações pessoais, familiares (desagregação, distanciamento e reencontro familiar), envolvendo solidariedade nas dificuldades, suportes (rivalidades, afetividades e amizades), expondo interesses, perspectivas e possibilidades, mas explicitam como principal mote os esforços para o reagrupamento familiar.

Nos primeiros meses se respondia com rapidez e se escreviam textos longos, cheios de detalhes, explicações e narrando as primeiras impressões; a temática era a partida, o descritivo da viagem, a chegada e as primeiras impressões, além do trabalho, dos negócios e das novas relações, também a procura de notícias sobre os acontecimentos na família e na aldeia. Com o passar do tempo, a regularidade e a extensão decresciam à medida que um cotidiano mais rotineiro se impunha, estando porém as cartas normalmente presentes em ocasiões celebrativas ou de mudanças importantes. Mesmo assim, a escritura se tornava mais eventual, com redução do texto e informações.

Apesar de geralmente se ter apenas um exemplar de cada correspondência, observa-se que o ritmo do envio variava muito; através dos textos denota-se em alguns casos uma troca regular e constante, também as demoras nas respostas, queixas pela falta de notícias, silêncios de meses ou mesmo de um ano, pedidos para escrever mais a miúdo. Sistematizando a datação, observa-se que os meses de maior incidência eram abril, dezembro e outubro; os dois primeiros devido aos momentos celebrativos da Páscoa e do Natal. Já a troca intensificada no mês de outubro devia-se ao ciclo da produção agrícola na Europa, denotando interesses em acompanhar as lides da lavoura e, sobretudo, os resultados das colheitas em geral e das vindimas especialmente (Rodríguez, 2013, p. 79).

O tempo algumas vezes provocava até mesmo estranhamentos e espantos de natureza física, como exemplifica a correspondência de julho de 1914 de Antonio Teixeira Cardozo a Maria José, de 47 anos, natural do Porto: “Os retratos que me mandas-te acheios muito bons e vejo que as pequenas estão gordas e crescidas, quasi nem parecem as mesmas” (Arquivo Distrital do Porto, Requisição de Passaportes [ADP-RP], processo 1138).

Apesar de todos os esforços de aproximação, gradativamente, estabeleciam-se distâncias culturais, devido às experiências transformadoras como cruzar o oceano, à chegada num território desconhecido, ao enfrentamento de desafios e privações.

Cabe enfatizar o processo de recepção das cartas e as tensões nele envolvidas, desde as dúvidas quanto a cartas enviadas e não recebidas até o tema dos diferentes significados apreendidos por quem as lê, permeados por relações de poder entre autor e receptor. É possível

observar como relações de gênero foram constituídas, reafirmadas ou subvertidas por meio do processo de escrita e leitura das correspondências.

Cartas trocadas entre migrantes e suas famílias expressavam diferentes visões sobre o lar e as práticas cotidianas, processos de mudanças, negociação de identidades, adaptação às sociedades de destino (tomem-se cartas que anunciam a disposição para se casar, ou de se naturalizar), ou dificuldade de integração do imigrante, como se constituem os “outros” e quais suas atitudes frente a estes (Elliott *et al.*, 2006, p. 9).

Era relativamente comum os homens emigrarem primeiro, atenuando os impactos da mudança e, numa ação preventiva frente aos possíveis infortúnios, reservarem a chamada do restante da família para um momento mais favorável, quando já estivessem estabelecidos e pudessem contar com melhores condições financeiras. Apesar das cartas, majoritariamente, serem escritas por homens, nestes documentos se fazem menções constantes às mulheres, sobretudo na condição de destinatárias. Se as cartas servem efetivamente de guia para se recuperar a presença feminina no processo de e/imigração, por outro lado, nas entrelinhas do texto observam-se ecos das vozes femininas silenciadas, as resistências nas partidas, as cobranças de notícias ou de remessas.

O homem, através das missivas, buscava fazer-se presente na ausência, manter o controle a distância, pedia notícias, conselhos e orientações aos familiares, particularmente às esposas (se devia ou não ir para cidade, trocar de emprego, ampliar o negócio, etc.). São comuns igualmente as cartas enviadas com o objetivo de arranjar casamento, uma vez que, por várias razões, desequilíbrios de gênero ou mesmo animosidades étnicas e raciais no destino podiam levar homens já emigrados a procurarem futuras esposas em seus países de origem, expressando muitas vezes o desejo de preservar a cultura original ou de honrar compromissos anteriormente assumidos. Fenômenos como o casamento a distância ou o casamento nas docas, imediatamente após o desembarque, só puderam se viabilizar por acertos prévios tecidos por meio de correspondências (Sinke, 2006).

As cartas se convertem numa representação da autoridade ausente que, apesar da distância, reproduz as relações e hierarquias familiares, interferindo direta ou indiretamente na vida cotidiana, nos negócios, nos problemas com as terras e a criação, assumindo um discurso de recomendação de como tratar, o que, para quem, quando e por quanto vender, e – sobretudo tratando-se de cartas de chamada – como, quando e por que vir.

Por vezes, o tom era mandatário, de quem apenas informa e decide, sem admitir contestações: “Joana, **dou-te parte** que escrevi para teu conhado Silvestre a **dar-lhe ordem**, para quando êle regreçar a esta terra com a família,

te trazer e os nossos filhos na sua companhia” [Manuel dos Santos a Joana Rosa, 24 anos, natural de Guimarães, e 3 filhas, em 20/06/1914 (ADP-RP, proc. 1110)]. Isto vale tanto para assuntos cruciais, como a data da viagem – “logo que recevas esta carta vaite preparando que eu quero ver ce tu já vens comer as rabanadas na minha companhia” [Antonio Ribeiro a Joaquina Maria da Conceição, em 20/02/1914 (ADP-RP, proc. 651)] – quanto para temas mais corriqueiros: “Não tragas panelas nem mais nada só traz o que eu te disse, mais nada” [Joaquim Teixeira a Rosa Moreira, em 28/10/1913 (ADP-RP, proc. 211)].

Ao mesmo tempo, aflitos e talvez mesmo inseguros, pelo tempo de ausência e pela distância, é relativamente comum os homens se despedirem buscando reafirmar seu papel masculino nas relações de gênero do casal: – “Sou teu homem”, escreveu Manoel Gomes Pereira a Carolina, em 14/11/1913, ou “deste teu homem que em breve desejava ter te”, finalizava a carta recebida por Matilde de Jesus, 55 anos, natural de Lamego (ADP-RP, procs. 245 e 346).

Ou ainda, em tom de advertência: “Tu bem sabes que a esposa deve estar com seu marido”, escreveu Alfredo Ferreira a Laura da Soledade, de 27 anos, natural do Conselho de Arouca, em 27/10/1913 (ADP-RP, proc. 320).

Nas missivas, alguns maridos escreviam afetivamente, demonstrando amor e carinho, como Antonio de Almeida para sua esposa Teresa da Costa de Oliveira, em 1910:

*[...] eu para mim tenho uma fé em deus que breve mente nos tamos abraçar um outro que só acima suçegarei u meu ispirito assim que apanhar meu amor au meu lado que tam pouca alegria tenho tido em me ver tam longe de quem eu mais istimo nesta vida que tenho passado um progatorio neste mundo com a tua ausemçia não immanginas como eu ando sempre com os meus holhos rasados dagua por causa du meu amor du coração...arecebe mil abraços i mil beijos deste teu esposo moito umilde adeus ate deus nos deichar abraçar (in Sarmento, 1999, p. 291).*

Ou ainda:

*[...] escreveme na volta do correio e recebe um saudoso abraço deste teu marido amigo que estou morto que venhas [Antonio Ribeiro a Joaquina Maria da Conceição, em 1913, e filhos de 4 e 1 ano, residentes no Porto, (ADP-RP, proc. 651)].*

Outros, menos amorosos e mais pragmáticos, declaravam que as mulheres faziam falta no cotidiano, tinham muitos gastos com as despesas de comida e lavanderia e que precisavam muito delas para tocar a vida.

*Não posso mais com tantas saudades que tenho das crianças, e tu mesma me tens feito muita falta, pois tive uma constipação que me custou a ver livre d'ella emquannto que se tu estivesses aqui já me não aconteceria assim [Antonio Teixeira Cardozo a Maria José, 47 anos, natural do Porto, em 13/07/1914, (ADP-RP, proc. 1138)].*

*Anna eu preciso que venha para minha companhia porque não poli ficar sem ti que a minha vida e de precisar de uma mulher e a sim venha para minha companhia que eu fasso mouto dinheiro [Pinto Cardozo de Souza a sua esposa Anna da Silva, 29 anos, natural de Gaia, e filha, em março de 1914, (ADP-RP, proc. 167)].*

Determinados maridos esperavam pacientemente, outros apresentavam ultimatos. Diziam que não iriam escrever mais, que aquela seria a última tentativa e intimidavam com o abandono, caso suas esposas não viessem, como na carta escrita por José Fernandes da Silva para sua esposa, em 1918:

*[...] tu bem saves que em nunca gostei que me cuantrariaçe e de pois de eu te mandar dizêr que não me com antrariaçes tá fixéste de cuanta que eu que não era o teu homem pois é bão que tu me conheças diçes para tu vires era a tua obrigação era bir... (ADP-RP, proc. 482).*

Há muitos outros exemplos:

*Albina istou admirado da tua demora depois de te ter mandado bir tantas bezes e madado dinheiro pras biagens e pras despesas não sei o que te falta agora. É deserto a bontade, mas agora não estou para esperar sempre e por isso andas já que esta recebas [Albino Ribeiro a Albina de Jesus, 38 anos, natural de Figueira Verde, e 6 filhos, em 04/01/1914, (ADP-RP, proc. 852)].*

Ou ainda de um pai para seu filho, pelo visto bastante hesitante em cruzar o Atlântico:

*Já depois que me mandaste diser que tinhas ficado livre na inspeção te escrevi três cartas a mandar te vir para a minha companhia e para isso já também te mandei dinheiro.*

*Agora mais uma vez te escrebo disendo-te que sem falta de tempo venhas não sei que repugnância tenhas em vir vindo para ao pé de nos e para terras de abundancia se porem não vieres é porque não queres saber do teu pai, por isso eu com bem pesar te digo que não quero saber de ti [Antonio de Freitas a seu filho Manoel de Freitas, de 20 anos, residente na Vila do Conde, em 10/12/1913, (ADP-RP, proc. 50)].*

Já Manuel de Sousa Monteiro, em sua carta de 1913, frente à insistência da esposa, escrevia que não a chamaria: “[...] É por que tenho uma mulatinha comigo muito bonita até tu mesmo se a vises ficabas em cantada com Ella...” (Carta n. 181, de 14/11/1921. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP).

As saídas dos maridos afetaram o cotidiano feminino, ampliando o trabalho e a responsabilidade das mulheres que, além das atividades domésticas e cuidados dos filhos, passaram a arcar com a manutenção das propriedades, as lides no campo, os comércios e negócios da família. Assim, além de suas funções tradicionais, elas assumiam os negócios da família, gerindo os bens do casal, e administravam o uso das remessas, bem com as lides nos comércios e no campo (lavravam, cavavam, colhiam, preparavam os produtos e cuidavam das criações e seus subprodutos), além de outras atividades indispensáveis para a sobrevivência, como apanhar lenha para si e para vender (padarias e olarias) e realizar trabalhos de fiação e tecelagem (linho e lã), entre outras.

Na correspondência, entrevê-se que elas acusavam os maridos de se mostrarem indiferentes aos problemas e se manifestavam enciumadas frente a boatos e maledicências. Os conflitos familiares se ampliavam com a distância, perceptíveis através das queixas de esposas que se sentiam desprezadas, desamparadas, só com os filhos, muitas vezes passando necessidades. Por vezes algum infortúnio maior servia de argumento à reunificação familiar, como se denota pela carta enviada por José Gomes da Silva à sua esposa Maria da Conceição, procurando convencê-la da viagem:

*O que mais me custou foi morrer minha filha sem eu a ver, é a maior pena que eu tenho, o mesmo pode acontecer ou a ti ou a mim, por isso vem para o meu lado porque sempre seremos mais felizes vivendo juntos do que estarmos separados sem sabermos o dia em que eu poderei voltar para junto de ti (ADP-RP, proc. 364).*

Já outras esposas não desejam se unir aos maridos – a partida do cônjuge, apesar dos múltiplos afazeres, representava certo alívio, uma vez que elas se sentiam mais senhoras de si, habituavam-se a lidar com dinheiro e com os negócios, assumindo papel de gestora dos assuntos familiares e encontrando-se livres da gravidez não desejada.

Havia mulheres que manifestavam receios da viagem, da volta à subserviência doméstica e das múltiplas incertezas de um país desconhecido. Tais dúvidas eram por vezes alimentadas, deliberadamente ou não, pelas cartas que recebiam dos maridos:

*[...] aqui não está bom mas para comer sempre se há de arranjar [José Gomes da Silva a sua esposa Maria da Conceição, de 25 anos, casada, natural de Castelo de Paiva, e sua filha, (ADP-RP, proc. 364)].*

Ou:

*[...] terás de te sujeitar as concecuencias a que eu me sujeito aqui as vezes é bom outras é ruim [Eduardo da Silva Pinto à sua esposa Angelina Rosa, costureira, de 29 anos, natural do Concelho de Mesão Frio, e seu filho de 9 anos, em 12/04/1914, (ADP-RP, proc. 527)].*

Os próprios maridos, embora em geral desejosos por rever suas famílias, também temiam pela viagem da esposa e dos filhos desacompanhados de alguém de confiança para protegê-los.

*Toma muito cuidado com as pequenas principalmente em Leixões e durante a viagem que não aconteça nada 6 ou 15 dias antes de embarcarem [Antonio Teixeira Cardozo a Maria José, 47 anos, natural do Porto, em 13/07/1914 (ADP-RP, proc. 1138)].*

*[...] tu esqueças de ter ninhum medo de vir que tu vem e mais a Preçiosa tu te governas com ella mas andas de duas vindas nem para uma dar uma halta (?) a outra fica com as crianças [Antonio Ribeiro a Joaquina Maria de Conceição, em 1913, e filhos de 4 e 1 ano (ADP-RP, proc. 651)].*

*Se cazo biere da a i alguma família tu escreve para tu bires junto a qui se me consta o teu cunhado que quere bir também para o Brazil se ele biere tu vens junto com elle se não bier ninguém ai então vou te buscar [Maria Valmira Rodrigues Barbosa, 24 anos, natural de Viseca, e filho de um ano, em 25/02/1913 (ADP-RP, proc. 144)].*

*[...] chêga-te sempre pro pé das mulheres serias tanto de dia quanto de noite procura a ficar numa cama sempre a pé de mulheres serias que a mulher [...] ser seria é em toda a parte. Não tenhas medo de embarcar que a aquilo é uma brincadeira, teu Joaquim Teixeira (ADP-RP, proc. 211).*

Por vezes, as esposas criavam desculpas para não ir (doença dela, dos filhos ou dos pais), buscando escapatórias para retardar a viagem. Algumas gastavam o dinheiro enviado e não partiam; outras, depois de muitas ameaças e reclamos dos maridos, embarcavam frente ao receio de serem abandonadas.

*[...] bem sei que custas largar a tua família, mas lembra-te que vens para o teu marido... Com isto não te encomodo mais... Espero que venhas logo que não seja preciso que te escreva outra Cartra. N.B. Se não vieres, é esta a ultima carte que te escrevo e não faço caso nenhum de ti [Antonio de Castro a Maria da Conceição Pinto da Silva, natural de Gaia, em 23/12/1913 (ADP-RP, proc. 157)].*

Ou:

*Tu toma centido no que te digo. Tu hai teras quem te diga que não venhas mas tu so te governas comigo eu não posso ir hai porque não tenho agora dinheiro para te eu ir buscar [Antonio Ribeiro a Joaquina Maria de Conceição, em 1913, e filhos de 4 e 1 ano (ADP-RP, proc. 651)].*

Ou ainda:

*Como a 15 meses te mandei vir e ante hoje tenho estado [...] e manda tenho [...] forem é esta ultima carta que heu te escrevi a tal fim eu te digo, quero também a mais para a minha companhia e que tragas na tua os três filhos, Adelaide, Lourianna e Frectozo até comentei histo [recebida por Matilde de Jesus, 55 anos, natural de Lamego (ADP-RP, proc. 346)].*

Outros não chegavam a ameaçar, mas reclamavam:

*[...] iscrevo com eisperanssa da vossa vinda que já não é sem tempo [Joaquim Rodrigues em carta escrita de Monte Azul (SP) a sua esposa Rosa Tavares da Silva, de 35 annos, natural de Gaia, em 22/04/1914 (ADP-RP, proc. 511)].*

Algumas esposas, por sua vez, ansiavam pelo reencontro, insistiam, pressionavam pela chamada, ameaçavam partir para o Brasil e mesmo sem autorização buscavam brechas e alternativas. Alguns maridos respondiam com mensagens apaziguadoras, outros impunham condições (não trazer a mãe, não vir com os irmãos, conter o mau gênio) e diversos acabavam cedendo às solicitações e mandavam-nas chamar.

*[...] ca recebi a tua carta e nella vi, o quanto me mandavas diser já que tanta vontade Tens de vires para a minha minha companhia destinei fazer-te a vontade [Antonio de Castro a sua esposa Maria da Conceição Pinto da Silva, de 28 ano de idade, natural de Gaia, em 23/12/1913 (ADP-RP, proc. 157)].*

*Na data iscrevo [...] e nossos queridos filhos por minha mae debas estar admerada por o meu silêncio agora tenho a dizer-te que esta na mao do Jose Fernandes uma letra da quantia necessária para tu e filhos embarcares para esta terra pois deve saber que para mandar dinheiro para ahi esta o cambio muito alto por isso como digo vem e nossos filhos para que assim termina tudo [Alfredo Ferreira a Laura da Soledade, de 27 anos, natural do Conselho de Arouca, e sua filha de 3 anos, em 27/10/1913 (ADP-RP, proc. 320)].*

Sozinhas ou com os filhos, elas enfrentavam o deslocamento transatlântico tendo à frente um país desconhecido, em busca do sonho de voltar a reconstituir a família.

*Não sei se ficarias contente por eu te mandar bir? Mas tem paciência porque eu querote tér na minha companhia!*

*Eu escrevite para tu vires bamus agora a ver o que me mandas dizer!*

*Se não vieres não mandes roupa porque eu não á seito!... Nem iscrevo mais. Não te mandába vir se tu nunca me pediçes. Mas agora quer queiras quer não dos dois caminhos tens um a seguir! [Manoel Gomes Pereira a Carolina Augusta de Bastos, 19 anos, natural de Macieira de Coimbra, e seu filho com dois anos (ADP-RP, proc. 245)].*

Uma vez decidida a vinda, é muito comum que os maridos orientassem suas esposas de modo muito preciso sobre o que deveriam trazer, como estipulavam as cartas de 28/10/1913 e de 30/11/1913, recebidas por Rosa Maria e Maria Pinto, respectivamente:

*Olha to vai comprar uma caicha igual a do Damião um pouco mais ou menos [...], e depois metes a tua roupa dentro toda e roupa de cama também, e depois só metes por enzemplo garfos e colheres, e 3 ou 4 pratos dos piquenos, e o [...] pequenino da costura e tódas essas trapalhadinhas que to quezeres trazeres, e manda fazer uns chinelos a toda a preça e compras uns de liga, e mete [...] roupa fraca duma saca para te trazeres, dentro do vapor que e muito pressizo (ADP-RP, proc. 211).*

*Resebi as tuas cartas o qual respondo a ellas, uma de 8 de novembro em que me dizes teres matado a porca, bem fizestes, manda-me os lombos, dizes se é bom trazela, cá á muita carne, e para a trazeres, aqui os direitos são caros, e os comedores são muitos, masás tras algumas e nozes também (ADP-RP, proc. 657).*

É claro que nas missivas encontram-se também casos nos quais os maridos não manifestavam qualquer desejo de reencontro, referiam-se de modo indefinido à reunificação familiar. Eles viajaram sós ou com amigos, usufruíam de liberdade (impossível na sociedade de onde vinham) e não desejavam mais voltar à situação anterior. Alguns homens deixavam de mandar notícias, nunca retornaram e constituíram novas famílias no Brasil. As mulheres se deixaram ficar envoltas numa espera sem fim, tornavam-se “viúvas de maridos vivos”, despertando sentimentos de saudades.

Para finalizar, mesmo reconhecendo que as cartas de chamada procuram atender às exigências das legislações governamentais, elas devem também ser compreendidas no quadro das aspirações das partes envolvidas, com possibilidade de se observar o problema dos silêncios, das omissões, das meias palavras e das inverdades, de deixar de fora o doloroso, o inconveniente, o embaraçoso. É evidente então que nem tudo que aparece nas cartas possa ser considerado “expressão da verdade”, assim como nem tudo que poderia ter sido dito aparece nas cartas. Desta forma, elas compreendem uma documentação estratégica para analisar também o não dito e o interdito, como se buscou aqui explorar em relação aos anseios de reunificação familiar, às carências que a distância e o tempo de separação impuseram às relações, e também aos temores envolvendo a viagem e a vida em um novo país. Nestes casos em que “verdades narrativas” se sobrepõem a “verdades fatuais”, o empenho e o compromisso em manter o contato e a relação ganham relevo, muitas vezes a expensas da clareza e do relato fiel das experiências vividas.

## Referências

346

- BAILY, S.L.; RAMELLA, F. 1988. *One Family, Two Worlds: An Italian Family's Correspondence across the Atlantic, 1901-1922*. New Brunswick, Rutgers University Press, 251 p.
- BLASS, V. 2004. 'Puentes de papel': apuntes sobre las escrituras de la emigración. *Horizontes Antropológicos*, 10(22):93-119.
- BODIO, L. 1894. Sulla emigrazione italiana e sul patronato degli emigranti. In: *Atti Del primo Congresso geografico italiano tenuto in Genova dal 18 al 25 settembre 1892*, Genova, Tipografia Del Regio Istituto sordo-muti, vol. II, p. 109-148.
- CAFFARENA, F. 2012. Introducción. In: F. CAFFARENA; L.M. MARTÍN (org.), *Escrituras migrantes: una mirada italo-española*. Genova, Franco Angeli, p. 9-22.
- CASTILLO GÓMEZ, A. 2001. *Escritura y clases subalternas: una mirada española*. Oiartzun, Sendoa, 181 p.
- CHARTIER, R. 1991. Avant-propos. In: R. CHARTIER. *La correspondance: Les usages de la lettre au XIXe siècle*. Paris, Fayard, p. 5-15.
- CROCI, F. 2008. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil, *Locus*, 14(2):13-39.
- ELLIOTT, B.; GERBER, D.; SINKE, S. (eds.). 2006. *Letters across Borders – The Epistolary Practices of International Migrants*. New York, Palgrave Macmillan, 320 p.  
<http://dx.doi.org/10.1057/9780230601079>
- FRANZINA, E. 1979. *Merica! Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini Veneti in America Latina 1876-1902*. Milano, Feltrinelli, 272 p.
- FRENETTE, Y.; MARTEL, M.; WILLIS, J. (dirs.). 2006. *Envoyer et recevoir: Lettres et correspondances dans les diasporas francophones*. Québec, Les Presses de l'Université Laval, 316 p.
- GIBELLI, A. 2002. Emigrantes y soldados: la escritura como práctica de masas en los siglos XIX y XX. In: A. CASTILLO GÓMEZ (coord.), *La conquista del alfabeto: escritura y clases populares*. Gijón, Trea, p. 189-233.
- GIBELLI, A. 1989. "Fatemi un po sapere...": scrittura e fotografia nella corrispondenza degli emigrante liguri. In: *La via delle Americhe: l'emigrazione ligure tra evento e racconto*. Catalogo della mostra. Genova, Sagep Editrice, p. 87-94.
- GIBELLI, A.; CAFFARENA, F. 2001. Le lettere degli emigrante. In: P. BEVILACQUA; A. DI CLEMENTI; E. FRANZINA (orgs.), *Storia dell'emigrazione italiana*. Roma, Donzelli, vol. 1, p. 563-574.
- KULA, M. 1977. Cartas dos emigrantes do Brasil. In: *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, Curitiba, Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná, vol. VIII, p. 9-117.
- LUSSANA, F. 1913. *Lettere di illetterati: Note di psicologia sociale*. Bologna, Zanichelli, 222 p.
- MATOS, M.Izilda S. 2014. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. 2. Ed. Bauru, EDUSC, 108 p.
- MOLINARI, A. 1999. L'emigrazione ligure: fonti autobiografiche/memorie dell'identità. *Cahiers de la Méditerranée: Mémoire et identité de la frontière: étude des migrations de proximité entre les Provinces Ligures et les Alpes-Maritimes*. Nice, Centre de la Méditerranée Moderne et Contemporaine, 58, p. 7-17.
- NUÑEZ SEIXAS, X.; SOUTELO VÁZQUEZ, R. 2005 *As cartas do destino*. Vigo, Galaxia, 266 p.
- RODRIGUES, H.F. 2013. Epistolário popular e imagens da emigração oitocentista: uma abordagem às cartas enviadas do Brasil para Viana do Castelo. In: H.F. RODRIGUES; E. PORTUGUÊS, *Escritas privadas, da mobilidade e da guerra*. Monção, Câmara Municipal de Monção, p. 59-123.
- SARMENTO, C.M. 1999. "Minha querida marido": subsídios para o estudo da família emigrante através das cartas de chamada 1890-1914. In: P. SÁ MACHADO; J.A. MAIA MARQUÊS (coords.), *Maia. História Regional e Local*. Maia, Câmara Municipal, II, p. 285-296.
- SEYFERTH, G. 2005. Cartas e narrativas biográficas no estudo da migração. In: Z.B.F. DEMARTINI; O. TRUZZI, *Estudos migratórios – perspectivas metodológicas*. São Carlos, EdUFSCar, p. 13-51.
- SINKE, S.M. 2006. Marriage through the Mail: North American Correspondence Marriage from Early Print to the Web. In: B.S. ELLIOTT; D.A. GERBER; S.M. SINKE, *Letters Across Borders: The Epistolary Practices of International Migrants*. New York, Palgrave Macmillan, p. 75-94.
- SOUTELO VÁZQUEZ, R. 2001. *De América para a casa: correspondência familiar de emigrantes galegos no Brasil, Venezuela e Uruguai (1916-1969)*. Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, 298 p.
- SOUTELO VÁZQUEZ, R. 2003. La correspondencia familiar de los emigrantes gallegos durante el franquismo. In: A. CASTILLO

- GÓMEZ; F. MONTERO GARCÍA (dirs.), *Franquismo y memoria popular: escrituras, voces y representaciones*. Madrid, Siete Mares, p. 123-176.
- THOMAS, W.I.; ZNANIECKI, F. 1958. *The Polish Peasant in Europe and America*. New York, Dover, 2250 p.
- VENDRAME, M.I. 2010. “Nós partimos pelo mundo, mas para viver melhor”: redes sociais, família e estratégias migratórias. *Metis*, 9(17):69-82.
- WACHOWICZ, R.C. 1981. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba, Fundação Cultural Casa Romário Martins, 149 p.

## Fontes primárias

Arquivo Distrital do Porto. Requisição de Passaportes (ADP-RP).  
Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo (APESP).

Submetido: 16/08/2015

Aceito: 29/09/2015

Maria Izilda Santos Matos  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Rua Monte Alegre, 984  
05014-901, São Paulo, SP, Brasil

Oswaldo Mario Serra Truzzi  
Universidade Federal de São Carlos  
Rod. Washington Luís, km 235  
Caixa Postal 676  
13565-905, São Carlos, SP, Brasil